

BOLETIM AAFIB 136

EXTRA 2021

Associação dos Antigos Funcionários Internacionais do Brasil
(aafib.net) Fundada em 1987 Afiliada à FAFICS

CONCURSO LITERÁRIO DA AAFIB CONNECTION

BOAS-VINDAS AO PRIMEIRO CONCURSO LITERÁRIO DA AAFIB CONNECTION

Com muita satisfação, declaramos a abertura do Primeiro Concurso Literário da AAFIB CONNECTION, parabenizando a iniciativa do comitê organizador, que está se dedicando a promover a valorização da língua escrita, contribuindo com a ODS 4 da ONU - “Educação de qualidade” - que incentiva “oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”.

Entre os objetivos da AAFIB, há a contribuição para o bem-estar e o incentivo cultural e recreativo entre os seus membros, o que se adequa muito bem na promoção de um concurso literário como este. Estaremos convidando as AFICS-LAC e, futuramente, pretendemos convidar as associações que utilizam outros idiomas, além do português e do espanhol, abordados neste concurso.

Na história dos boletins da AAFIB, esta é a segunda vez que preferimos dar um tratamento especial a um assunto editando um número extra, como forma de destacar que se trata de um tema que tem nossa expectativa de ser plenamente reconhecido e adotado pelos nossos membros.

Muda a mídia, o mundo dá voltas, mas a palavra escrita continua sendo um instrumento indispensável para a sociedade humana se comunicar. E, num mundo concentrador, até a arte, em algum momento, dependeu de um texto conceito para ser entendida.

A palavra escrita não é somente a representação da língua falada, que utiliza letras ou caracteres gráficos, como dizem os dicionários, mas também é a manifestação da alma que externaliza seus sentimentos em pedaços de papel através de lápis e canetas. Apagar e reescrever são somente ações para dar espaço para novos sentimentos que serão “derramados” pelos grafites dos lápis ou pelas tintas das canetas... Não importa como, onde ou qual material utilizado para escrever. A realidade é que o registro dessas emoções é fazer com que o que se sente seja eternizado numa pequena folha de papel ou num simples arquivo de computador...

Estimulamos aos nossos membros e a todas as AFICS-LAC a “pegarem um pequeno avião com destino à felicidade” de ESCREVER! Sejam bem-vindos ao PRIMEIRO CONCURSO LITERÁRIO DA AAFIB CONNECTION! Será um prazer vermos a participação de todos vocês!

Maria Angélica Gomes
Presidente da AAFIB

ÍNDICE

Página 1 – MENSAGEM DA PRESIDENTE

Página 2 –ÍNDICE

Página 3 – INTRODUÇÃO COM UM CONVITE À ESCRITA

Página 6 - REGULAMENTOS DO CONCURSO

Página 8 – COMITÊ DO CONCURSO

Página 11 – LÍNGUA PORTUGUESA EM VERSOS

Página 12 – LÍNGUA ESPANHOLA EM VERSOS

Página 14 – ALGUNS LIVROS PUBLICADOS PELOS MEMBROS

Página 16 – ALGUNS TEXTOS DOS MEMBROS PUBLICADOS PELA AAFIB

Página 23 – AGRADECIMENTOS E EXPEDIENTE



PRIMEIRO CONCURSO LITERÁRIO DA AAFIB CONNECTION

Estamos lançando nosso primeiro concurso AAFIB de LITERATURA. Em tempos passados, realizamos concursos de fotografia e, atualmente, a AFICS Argentina tem compartilhado com as AFICS regionais os seus concursos anuais com temas variados ano a ano.

O Concurso Literário da AAFIB CONNECTION vem em bom momento. Muitos de nós estão ainda em recesso e o exercício mental é fortemente recomendado para preservação da saúde.

A literatura é uma das manifestações artísticas do ser humano, ao lado da música, dança, teatro, escultura, arquitetura, dentre outras. É considerada a arte das palavras.

O ser humano sempre, desde o tempo das cavernas, procurou se comunicar, expressar o que vai dentro de si. A linguagem é qualquer forma que nós utilizamos, através da qual se comunicam nossas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita, ou de outros signos convencionais.

O surgimento da escrita é um marco importante na história do mundo por demarcar a separação entre a história e a pré-história, iniciando os registros dos acontecimentos.

Estamos falando do Neolítico e de regiões do Oriente Médio. A escrita é a representação da linguagem falada por meio de signos (ou sinais) gráficos. Ao pensar, o homem elabora conceitos, que expressa em sons ou materializa em palavras.

A descoberta da impressão, com Gutemberg, possibilitou a reprodução de um mesmo material em um tempo muito rápido, o que teve como consequência a produção de milhares de livros em pouco tempo.

A literatura, particularmente, é um imenso universo de atrativos que motivam e desafiam nossa capacidade intelectual, constituindo assim uma instigante excitação para nossas mentes. É um instrumento muito completo, porque se trata de uma obra aberta às possibilidades e interesses de cada um de nós. Uma ideia pode ser tratada de muitas formas diferentes, uma mesma coisa pode ser dita de muitas formas distintas, com diferentes palavras ou diferentes arranjos das mesmas palavras. A forma como cada frase ou palavra pode ser escrita reflete também a emoção ou o estilo de cada autor. É um enriquecimento sem fronteiras. Uma simples frase pode dizer mil coisas.

Queremos conhecer o que você pensa, suas ideias, suas imagens e como foram seus trabalhos, quais as experiências que você viveu e o que você extraiu dessas oportunidades. Uma impressão de uma surpresa ou a narrativa serena de uma viagem de férias. Tudo pode ser posto na escrita e criar novas dimensões. Então convidamos todos os nossos colegas membros para uma disputa onde o melhor prêmio é o estímulo ao nosso sistema nervoso central, nossa memória e nosso poder de criação.



COMO TUDO COMEÇOU...

Com base no artigo abaixo, de Christophe Clavé, traduzido para o português, compartilhado em espanhol pela Hilda Cerdeira no grupo da AAFIB CONNECTION no WhatsApp, Vanderlei de Marque se inspirou e pensou em fazermos um CONCURSO LITERÁRIO DA AAFIB CONNECTION. Com isso, foi formada uma comissão para a organização e escolha dos textos mais criativos e interessantes. O objetivo é trazer de volta a paixão pela língua materna e contribuirmos para uma maior valorização dela. Pretendemos "reavivar a chama literária". No início, o concurso vai considerar textos nas línguas portuguesa e espanhola, com participação dos membros da AAFIB e das AFICS-LAC. Depois de validado o formato, na segunda edição do concurso, pretendemos abranger outros idiomas, além do português e espanhol, e o concurso será estendido a outras associações de aposentados das Nações Unidas no mundo. Preparem-se! Vamos incentivar a leitura e a escrita, pois, como bem ressalta Clavé, precisamos "descrever as emoções em palavras, para podermos construir um argumento e, com as palavras certas, gerar um pensamento complexo". Contamos com todos vocês!

O QI MÉDIO DA POPULAÇÃO MUNDIAL DIMINUIU NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS

Christophe Clavé - escritor francês

"O QI médio da população mundial, que sempre aumentou desde o pós-guerra até o final dos anos 90, diminuiu nos últimos vinte anos... É a inversão do efeito Flynn. Parece que o nível de inteligência medido pelos testes diminuiu nos países mais desenvolvidos. Pode haver muitas causas para esse fenômeno. Uma delas pode ser o empobrecimento da linguagem. Na verdade, vários estudos mostram a diminuição do conhecimento lexical e o empobrecimento da linguagem: não é apenas a redução do vocabulário utilizado, mas também as sutilezas linguísticas que permitem elaborar e formular pensamentos complexos.

O desaparecimento gradual dos tempos (subjuntivo, imperfeito, formas compostas do futuro e particípio passado) dá origem a um pensamento quase sempre no presente, limitado ao momento: incapaz de projeções no tempo.

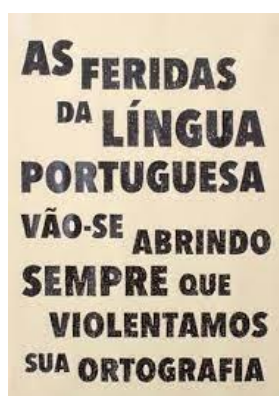
A simplificação dos tutoriais, o desaparecimento das letras maiúsculas e da pontuação são exemplos de “golpes mortais” na precisão e variedade de expressão. Apenas um exemplo: eliminar a palavra “signorina” (agora obsoleta) não significa apenas abrir mão da estética de uma palavra, mas também promover involuntariamente a ideia de que entre uma menina e uma mulher não existem fases intermediárias. Menos palavras e menos verbos conjugados significam menos capacidade de expressar emoções e menos capacidade de processar um pensamento.

Estudos têm mostrado que parte da violência nas esferas pública e privada decorre diretamente da incapacidade de descrever as emoções em palavras. Sem palavras para construir um argumento, o pensamento complexo torna-se impossível. Quanto mais pobre a linguagem, mais o pensamento desaparece. A história está cheia de exemplos e muitos livros (Georges Orwell – “1984”; Ray Bradbury – “Fahrenheit 451”) contam como todos os regimes totalitários sempre atrapalharam o pensamento, reduzindo o número e o significado das palavras.

Se não houver pensamentos, não há pensamentos críticos. E não há pensamento sem palavras. Como construir um pensamento hipotético-dedutivo sem o condicional? Como pensar o futuro sem uma conjugação com o futuro? Como é possível captar uma temporalidade, uma sucessão de elementos no tempo, passado ou futuro, e sua duração relativa, sem uma linguagem que distinga entre o que poderia ter sido, o que foi, o que é, o que poderia ser e o que será depois do que pode ter acontecido realmente aconteceu?

Caros pais e professores, façamos com que nossos filhos, nossos alunos falem, leiam e escrevam. Ensinar e praticar o idioma em suas mais diversas formas. Mesmo que pareça complicado. Principalmente se for complicado. Porque nesse esforço existe liberdade. Aqueles que afirmam a necessidade de simplificar a grafia, descartar a linguagem de seus “defeitos”, abolir gêneros, tempos, nuances, tudo que cria complexidade são os verdadeiros arquitetos do empobrecimento da mente humana. Não há liberdade sem necessidade. Não há beleza sem o pensamento da beleza.

<https://libplus.it/non-ce-liberta-senza-necessita-non-ce...>
[/https://it.m.wikipedia.org/wiki/Effetto_Flynn....](https://it.m.wikipedia.org/wiki/Effetto_Flynn...)



**AS FERIDAS
DA LÍNGUA
PORTUGUESA
VÃO-SE ABRINDO
SEMPRE QUE
VIOLENTAMOS
SUA ORTOGRAFIA**

LANÇAMENTO DO CONCURSO LITERÁRIO DA AAFIB CONNECTION

A mensagem da Hilda Cerdeira sobre o uso correto dos idiomas nas comunicações chamou nossa atenção e uma interrogação: é possível fazer alguma coisa? Sabemos que o maior problema reside nos mais jovens, mas nós, que já passamos dos 40, poderemos recordar, matar a saudade e nos divertir com nossos idiomas.



REGULAMENTO

1. **Participação:** podem participar todos os membros afiliados à AAFIB e às AFICS-LAC (associações dos aposentados das ONU na América Latina e Caribe) que se inscreverem. Todas as redações serão publicadas nos boletins após o resultado, conforme espaços disponíveis.

2. **Dados para a inscrição:** serão necessárias as seguintes informações:

- Nome completo
- Nacionalidade
- CPF
- RG
- Endereço completo
- CEP
- Cidade/Estado
- País
- Telefone fixo, incluindo DDD
- Telefone Celular
- WhatsApp
- E-mail
- Agência da ONU / local em que trabalhou

3. **Envio da inscrição:** a solicitação de inscrição deverá ser enviada somente para Sumaya Garcia: garcia.sumaya@gmail.com

4. **Autorização:** ao se inscrever, o(a) participante autoriza automaticamente a AAFIB a publicar o conteúdo em quaisquer meios de comunicação no Brasil e no exterior, respeitando a propriedade de criação do(a) autor(a) e a escolha de cada um(a) na destinação dos lucros (caso existam), que serão direcionados para a ajuda humanitária.

5. **Redação:** deverá ser original e não poderá ter sido publicada em quaisquer veículos de comunicação.

6. **Permissões:** cópias de trechos completos ou parciais de outras obras e outros(as) autores(as) serão permitidas, porém deverão ser citadas as fontes com autores(as) e sejam grafadas entre aspas. A não citação das fontes e autores(as) desclassificará o trabalho.

7. **Tema: livre escolha**, porém, se preferir, sugerimos cinco diferentes que poderão ser usados:

7.1: Minha primeira viagem assim que possível

7.2: Estamos exigindo muito de nós mesmos?

7.3: Traduza felicidade

7.4: Vi e nunca me esqueci

7.5: Sempre quis fazer, mas ainda não consegui

8. **Inscrição:** ao se inscrever, o(a) participante receberá um *template* com duas páginas, que servirão de guias para o texto. Estas páginas terão margens definidas e capacidade para até 30 (trinta) linhas cada uma. Ao todo, serão aceitas 60 (sessenta) linhas.

9. **Idiomas:** Português e/ou Espanhol.

10. **Envio:** A redação deverá ser enviada somente para a Sumaya Garcia (garcia.sumaya@gmail.com) até a data pré-estabelecida. Sumaya atribuirá um número para cada redação, apagará o nome do(a) autor(a) e enviará para o júri avaliar. Este júri é formado por Hilda Cerdeira, João Carlos Alexim, Telma Pepe Barbalho, Udo Bock e Vanderlei de Marque (ordem alfabética). E também contará com um integrante das associações da Rede LAC.

11. **Critérios da avaliação:**

11.1 - Fidelidade ao tema escolhido

11.2 - Facilidade no entendimento das ideias

11.3 - Uso correto das regras gramaticais

11.4 - Seguir as instruções do item 8

12. **Datas:**

Lançamento / abertura das inscrições: 07 de abril na AAFIB Connection

Término das inscrições: 14 de abril (Brasil), 21 de abril (AFICS-LAC)

Envio da redação: até 14 de junho

Data prevista da divulgação do resultado: 18 de agosto na AAFIB Connection

13. **Premiação** – a redação vencedora em português será publicada no boletim, receberá um certificado, assinado pela nossa presidente, e um exemplar especial do livro, capa dura, “A Diplomacia na construção do Brasil”, autografado pelo embaixador Rubens Ricupero, membro do núcleo da AAFIB. O prêmio da redação vencedora em espanhol será divulgado na sessão da AAFIB Connection de lançamento para a AFICS-LAC.

COMITÊ DO CONCURSO

O Comitê do Concurso Literário da AAFIB CONNECTION é formado por seis membros: Hilda Cerdeira, João Carlos Alexim, Sumaya Garcia, Telma Pepe Barbalho, Udo Bock e Vanderlei de Marque (ordem alfabética).

HILDA CERDEIRA



Física por formação, Hilda Cerdeira, aposentada da Unesco, trabalhava no Abdus Salam Internacional Centre for Theoretical Physics de Trieste, Itália. Hoje, continua trabalhando no Instituto de Física Teórica da UNESP, em São Paulo.

“Eu não tenho especial paixão pela língua, além de gostar de textos/livros bem escritos, mas sim pela cultura em geral. Sou ávida leitora. Minha preocupação com a língua é só uma extensão da preocupação com uma sociedade onde tudo se pode fazer à procura da felicidade, onde a palavra “dever” tem sido apagada do dicionário. E escrever mal é hoje em dia considerado um direito. E vou lutar contra a pobreza da língua

o quanto seja possível”, enfatiza Hilda na defesa da linguagem escrita. Agradecemos à Hilda pelo compartilhamento do texto que serviu de inspiração à realização do concurso.

JOÃO CARLOS ALEXIM

Depois de trabalhar por quase 20 anos na televisão, basicamente no jornalismo, mas igualmente na produção, João Carlos Alexim partiu para mais 20 anos na área da sociologia do trabalho e foi diretor da OIT neste período. Ingressou na AAFIB por convite de Eduardo Albertal, fundador e primeiro presidente da associação. Alexim foi também presidente e vice-presidente da AAFIB. “Hoje, sou presidente emérito da instituição com muita honra para mim, pelo desfrute da amizade de colegas de toda a extensão das Nações Unidas”. E a AAFIB tem o privilégio de contar com ele ainda como editor-chefe do boletim da associação e eterno incentivador da literatura e desfrutar da sua valiosa paixão pela palavra escrita, que domina com valiosa destreza.



SUMAYA GARCIA



Gerente Digital da AAFIB há 12 anos, a jornalista Sumaya Garcia coordena a AAFIB CONNECTION, grupo de interação da associação idealizado por ela e está comemorando a iniciativa do concurso: “Fiquei muito feliz por ver que o compartilhamento da Hilda no grupo do WhatsApp da AAFIB CONNECTION serviu para inspirar o Vanderlei em relação à realização do concurso”. Sumaya sempre apoia os associados em todas as atividades realizadas. “Como sempre brinco, sou *backstage/background*. Importa que os membros da AAFIB “brilhem” e eu somente dê suporte”, reitera a jornalista. Com experiência nas áreas de Comunicação e Marketing, Relações Internacionais e Turismo, agora, ela está se aprofundando em Neurociência e, com sua validação na AAFIB, estará lançando em breve o projeto RYON (*Retired Yes, Out of the world No*), que prevê várias atividades literárias também, uma de suas paixões.

TELMA PEPE BARBALHO

Telma Pepe Barbalho trabalhou na OIT, mais precisamente no Centro Internacional de Formação da OIT em Turim – Itália. “Desde a mais tenra idade, nossos pais sempre nos incentivaram a buscar conhecimento através dos livros. Tínhamos um livro grande sobre a vida de aves, dos animais e das borboletas. Seguiram-se Atlas geográfico, um livro de Bandeiras de todos os estados brasileiros e dos países do mundo, a coleção infantil completa de Monteiro Lobato, Sermões do Padre Antônio Vieira, Dicionário Enciclopédico da Sabedoria, etc. Minha mãe, da área da saúde, nos ensinava sobre o corpo humano, seu correto funcionamento e disfunções que poderiam causar doenças. Crescemos sendo “ratos de biblioteca” (não existia internet, nem Google) aproveitando todo o tempo livre naqueles “paraísos” das letras. Isso fez crescer em nós o amor pela literatura, artes, fotografia, assim como pela música”, ressalta Telma.



UDO BOCK



Udo Bock é aposentado do UNICEF e diretor do núcleo da AAFIB de São Paulo, que compreende os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em 1960, quando estudava Publicidade na PUC-SP e era Presidente da FUPE (Federação Universitária Paulista de Esportes), Udo iniciou a prática da redação como repórter de A GAZETA ESPORTIVA.

As edições dominicais do jornal, por terem pouca matéria relacionada a notícias de esporte, abriam páginas para longas reportagens e artigos assinados por Udo. “Eu assinava artigos sobre a prática de esportes na Alemanha Oriental e outros ainda mais genéricos. Um artigo meu sobre a compatibilidade entre tocar piano e jogar voleibol me fez entrevistar a minha namorada, (campeã de vôlei e, hoje, minha esposa) e seu professor de piano (Fritz Jank, alto nível)”, conta a sua própria linda história o publicitário, que ainda teve o artigo com boa repercussão no meio musical e esportivo.

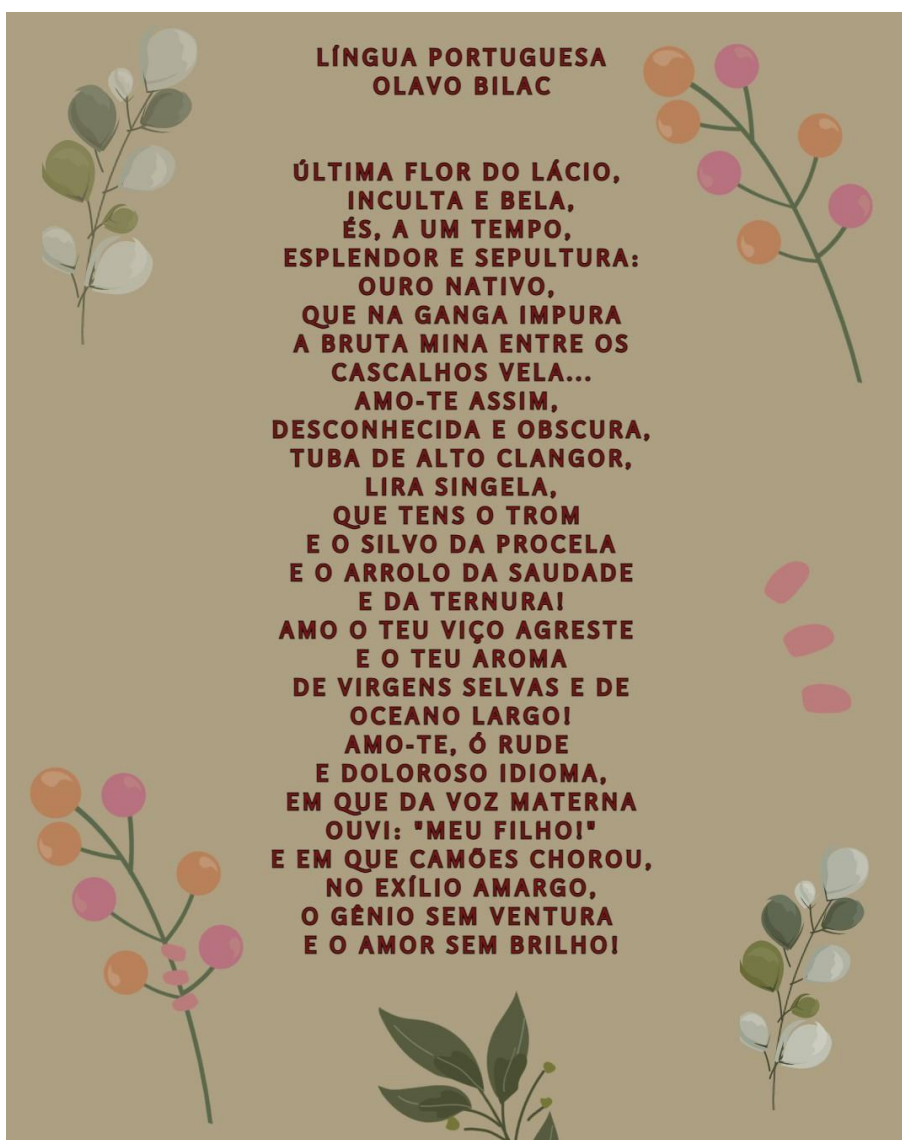
VANDERLEI DE MARQUE

“Escrever para outra pessoa ler é um prazer inenarrável. É enorme a satisfação ao transmitir um pensamento, compartilhar uma ideia, expressar o que sentimos. É prazeroso construir uma frase e sentir que outra pessoa vai entender o que pensamos. Então, vamos em frente. Põe para fora o que sente e muitas pessoas vão se deliciar, vão rir, podem até chorar. Mas, com certeza, vale a pena”, incentiva Vanderlei a participação de todos no Concurso Literário. O aposentado do UNICEF foi o inspirador deste concurso literário, a partir do texto compartilhado da Hilda Cerdeira. Agradecemos muito pela sua criatividade de sempre, Vanderlei de Marque!



LÍNGUA PORTUGUESA EM VERSOS

A expressão "Última flor do Lácio, inculta e bela" é o primeiro verso de um famoso poema de Olavo Bilac, poeta brasileiro que viveu no período de 1865 até 1918. Esse verso é usado para designar o português: a última flor é a língua portuguesa, considerada a última das filhas do latim.



LÍNGUA ESPANHOLA EM VERSOS

Evaristo Ribera Chevremont es considerado el poeta más lírico de Puerto Rico. Aun cuando varios de sus poemarios publicados retoman el tema del nacionalismo puertorriqueño, la mayoría de sus versos se liberan del regionalismo y de una temática folclórica para ahondar en un gran lirismo de carácter universal. Con ustedes, “Lengua castellana”, de Chevremont.

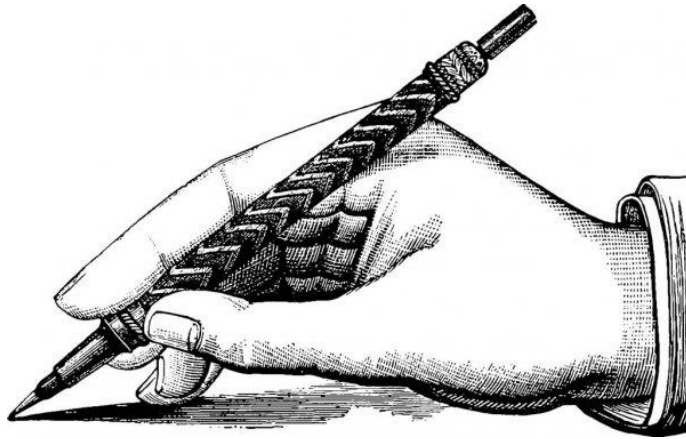
Lengua castellana Evaristo Ribera Chevremont

La lengua que arropara de vocablos mi cuna
es la lengua brotada del solar de castilla.
Del romancero a lope, sin dejadez ninguna,
ofrécese en romance, soneto y redondilla.

Ni un átomo en mi forma corporal es reacio
al toque rutilante, musical y perfecto
de la lengua que en libro, quartilla o cartapacio
le da, por su pureza, vigores al concepto.

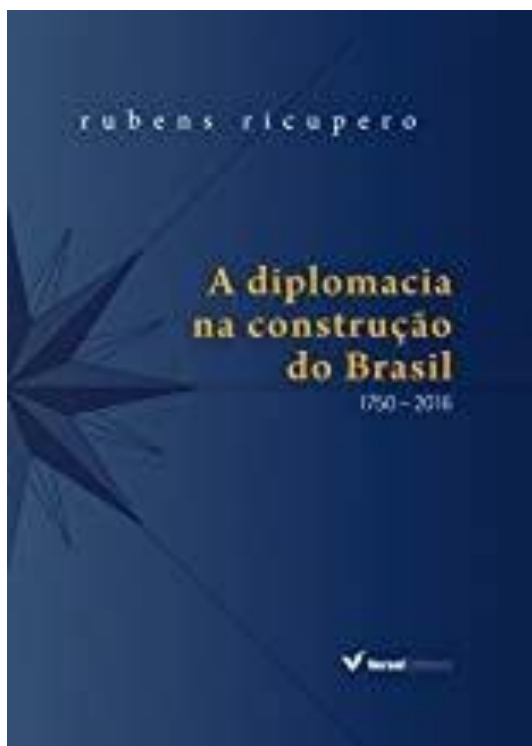
Levántase la lengua de clásicos sabores
en los pergeñadores ciertos de la belleza.
Los doctores del canto, los puristas mayores,
me la sirven en cláusulas de altitud y justeza.

La lengua -voz de siglos-. A mi verbo se enlaza.
No habrán de destruirla, porque es la mejor parte
-lo substancial, lo eterno- del todo de mi raza.
Y mi raza es, en todo, fe, dolor, amor, arte.



El idioma español tiene cerca de trescientas mil palabras. En el Libro Don Quijote, Cervantes usó 22.939 palabras diferentes. En una conversación entre dos profesionales pensionados se usan más de 3.200 palabras. Una canción de reggaetón tiene en promedio 30 palabras. La mayoría de los jóvenes de la actual generación se comunican con 300 palabras (de estas 78 son groserías) y con 37 emoticones. Ahora ya se pueden imaginar el nivel de comprensión de lectura y pensamiento crítico que poseen.

ALGUNS LIVROS PUBLICADOS PELOS MEMBROS DA AAFIB



A DIPLOMACIA NA CONSTRUÇÃO DO BRASIL

Por Rubens Ricupero

Versal Editores, 2017, 784 págs.

Rubens Ricupero é autor de nove livros sobre história diplomática, política, comércio e economia internacional, entre os quais se destacam “Rio Branco: o Brasil no mundo” e “O Brasil e o dilema da globalização”. “A diplomacia na construção do Brasil” é sua mais recente obra, lançada em 2017, com 784 páginas,

Considerado a mais completa e atualizada história das relações do Brasil com o mundo, o livro desvenda a trama de influências nacionais e internacionais desde 1750 até os dias de hoje e é indicado para estudiosos das

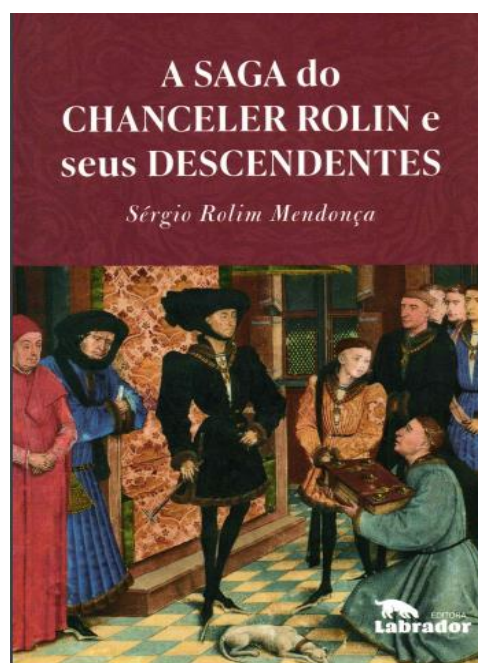
ciências sociais em geral e indispensável para os que se dedicam às relações internacionais.

A SAGA DO CHANCELER ROLIN E SEUS DESCENDENTES

Por Sérgio Rolim Mendonça

Editora Labrador, 2020 - 144 págs.

Aposentado da OPAS/OMS, Sérgio Rolim Mendonça já publicou onze livros na área de tecnologia de água e esgotos, destacando-se, entre eles, alguns como “Sistemas de Lagunas de Estabilización” (McGraw-Hill), com cerca de oito mil exemplares vendidos na Espanha e América Latina. No livro “A Saga do Chanceler Rolin e seus descendentes”, Sérgio ministra uma verdadeira aula de história universal e uma revisita à arte. Dede as margens do rio Aroux, que deságua no Loire, a pequenina Autun, na região da Borgonha, França, ele desbrava o ambiente medieval da região. Entre outras riquezas, suas pesquisas nos levam a conhecer a construção dos Hospices de Beaune e todo o ocorrido desde então, até a implantação dos vinhedos, agora famosos.



MEMÓRIAS DA TV

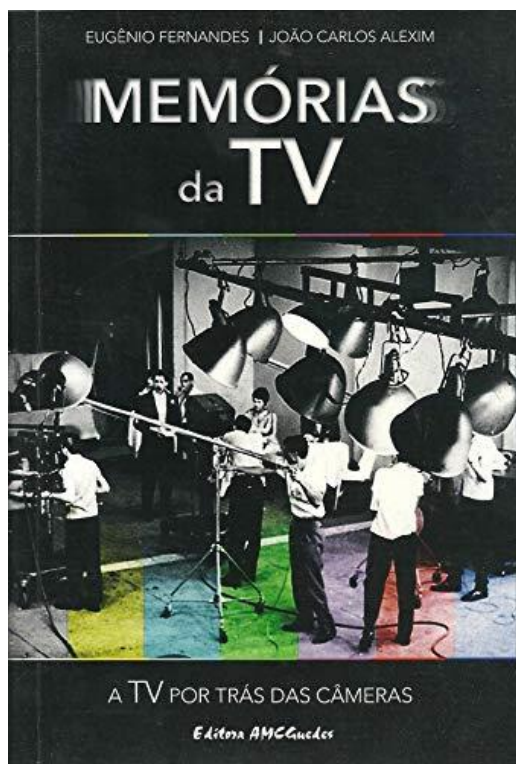
A TV por trás das câmeras

Por João Carlos Alexim

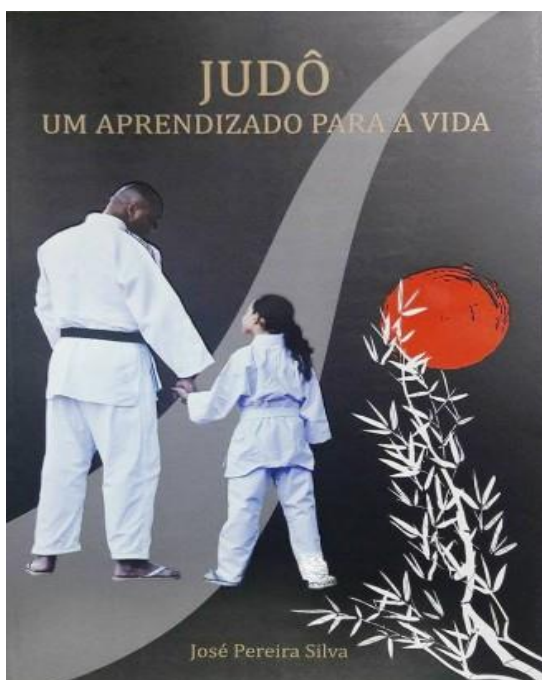
Coautor com Eugênio Fernandes

Editora AMCGuedes, 2015, 442 págs.

“Já aposentado, encontrei na praia um colega dos tempos da TV e, frequentando todos os dias a imbatível praia de Ipanema, rolava muita lembrança daqueles tempos. Daí nasceu a ideia de fazer um livro de memórias não apenas nossas, mas de alguns colegas que reconhecemos como profissionais de qualidade que, no fundo, eram os verdadeiros realizadores do que acontecia nos bastidores e na telinha durante os primeiros anos dessa atividade no Brasil. Na TV, entre outras atividades, eu redigia e editava o programa de análises jornalísticas “Perspectiva”, que fechava a programação da TV Tupi nos anos 70.



***Livro também publicados por Alexim: “Relaciones de Trabajo, Empleo y Formación Profesional”, edição OIT/Cinterfor , 1997, em espanhol.**



JUDÔ

Um aprendizado para a vida

Por Vera Zanetti

Coautora com Yasmin Badr

Edição do autor. 2017, 236 págs.

“Aceitei o desafio de ajudar a produzir a biografia do professor de judô do meu chefe, José Pereira Silva”, conta Vera Zanetti, aposentada da UIT. Ela pesquisou tanto sobre o assunto que acabou se apaixonando pela arte marcial. Além disso, Vera ainda teve o prazer de produzir este livro com a filha jornalista. Carla Zanetti, que fez a edição da publicação.

ALGUNS TEXTOS DOS MEMBROS PUBLICADOS PELA AAFIB

(veja mais em www.aafib.net)

CURTAS MEMÓRIAS - O "BISPO"

Por Udo Bock

Dia 5 de agosto de 1988, Praça do Bispo, João Pessoa, Paraíba.

Eu tinha sido convidado recentemente para assumir o cargo de Diretor de Planejamento da agência de propaganda PROPEG/Bahia, em Salvador, tendo-me desligado, em São Paulo, da agência CBBA - Castelo Branco & Associados Propaganda da qual, após 13 anos de atividades, era Diretor de Operações e Promoção.

Hiran Castelo Branco, um dos principais titulares da CBBA, era também Presidente do CNP - Conselho Nacional de Propaganda, instituição formada por anunciantes, agências de propaganda, veículos de comunicação e empresas de produção desta área, que se dedicava à promoção de campanhas comunitárias, entre as quais ações de apoio ao UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Estando agora em Salvador, Hiran pediu-me para coordenar os trabalhos do CNP na região Norte/Nordeste e uma das primeiras tarefas foi participar, com ele, em uma reunião de coordenadores estaduais da Pastoral da Criança no Nordeste. Esta reunião foi agendada para ser realizada nos dias 5, 6 e 7 de agosto em João Pessoa.

Por causa dos horários de voo Salvador/João Pessoa, eu cheguei bem cedo e, no trajeto aeroporto – cidade, fui informado pelo taxista que, nesse dia 5, feriado estadual, se realizava a Festa da Padroeira de João Pessoa e da Paraíba, N. Sra. das Neves. Recomendou que eu assistisse aos festejos no centro da cidade.

A reunião de coordenação da Pastoral estava programada para ser iniciada à noite em um Seminário próximo ao centro. Deixei a minha bagagem no Seminário e lá fui eu, máquina fotográfica em punho, para uma linda colina, ruas estreitas, construções antigas envolvendo a Catedral de N. Sra. das Neves na Praça do Bispo.

Inúmeras barracas de comes e bebes, predominando as maçãs do amor, os churrasquinhos de uva com chocolate. Muitos barraqueiros, pouca gente nas ruas. Até que o andor da Santa apareceu na avenida que subia a colina, apoiada nos ombros de senhores devidamente paramentados e seguida por fileiras de “filhas de Maria” entoando cânticos religiosos. Sentado em uma mureta que separava as antigas pedras da praça de seus bem cuidados jardins, eu tive a impressão de que toda a população de João Pessoa estava lá, seguindo a procissão. Sobressaiam-se grupos de pessoas, famílias inteiras lideradas por casais mais idosos, orgulhosos de sua liderança. Predominavam pessoas de baixa estatura, cabeças grandes, olhos claros, gente forte. Concentrados e conscientes de seu papel, eles transmitiam fé e felicidade.

Essa mesma felicidade e consciência eu vivenciei, logo depois, na abertura da reunião de coordenação da Pastoral da Criança – Região Nordeste.

Foi uma reunião curta, antes do jantar no Seminário, destinada à apresentação pessoal dos participantes: alguns Bispos, freiras, líderes comunitárias e representantes de instituições apoiadoras.

Foi quando tive o meu primeiro contato com a Dra. Zilda Arns, coordenadora nacional da Pastoral da Criança, pediatra, irmã de D. Paulo Evaristo Arns. Foi quando conheci também Vera Lucia Salles, Oficial de Comunicação do UNICEF para os estados do Maranhão e Piauí, atualmente nossa colega na AAFIB.

Nos dois dias seguintes da reunião, foram apresentados os progressos na disseminação da Pastoral por todo o Brasil, o aprimoramento do trabalho das líderes comunitárias, a adesão cada vez mais consistente dos Bispos na implantação da iniciativa junto às paróquias sob sua responsabilidade, por recomendação oficial da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e, entre outros temas, os resultados da Campanha do Soro Caseiro no esforço de redução da mortalidade infantil por desidratação, na época a principal causa de mortes de crianças no Brasil.

Hiran Castelo Branco apresentou resultados de pesquisa de penetração, entendimento, motivação e credibilidade dos filmes veiculados em TV com a participação do ator Lima Duarte (“A diarreia mata...”) e testemunhais do então presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Dr. Reinaldo Martins e de uma líder comunitária da Pastoral.

Na discussão sobre a participação da líder comunitária, ficou constatada a eficácia dessa estratégia. Tanto as líderes quanto as coordenadoras estaduais presentes na reunião destacaram a importância do prestígio, motivação e credibilidade que a presença dessa líder na TV transferiu para as pessoas que, na linha de frente desse trabalho, no contato dia a dia com a comunidade, são levadas a atuar contra culturas estabelecidas, preconceitos arraigados, nos costumes que se referem ao valor da vida. “São comuns, na morte de um filho, ouvirmos coisas como: “Ah! Deus quis...” ou “Minha filhinha está abrindo o meu caminho para o céu...”

Foi o meu primeiro contato com a verdade.

Pegou na veia.

Daí até a minha aplicação para um posto no UNICEF foi um pulinho.

O que eu conto em próximos contos.

E o “Bispo”, título deste conto?

No final dessa reunião de coordenação da Pastoral, num papo informal, Hiran me disse que alguns participantes, talvez por minhas características pessoais, comportamento, atitudes, um ligeiro sotaque sulista, perguntaram-lhe se eu era um Bispo.

Hoje, posso dizer a Hiran que isso aconteceu outras vezes.

Anos após, já como Oficial de Mobilização Social do UNICEF, em reuniões do Comitê de Comunicação da Pastoral da Criança, na casa de Dra. Zilda Arns em Curitiba, esse episódio se repetiu. Participavam deste Comitê, profissionais de comunicação da Pastoral, dirigentes de organizações parceiras e Bispos integrantes da CNBB. Em conversa, durante o almoço, eu estava falando sobre a minha família, mulher e filhos, quando uma freira, surpreendida, exclamou: “Ué! Eu pensei que o senhor fosse Bispo...”

Udo Bock, publicitário, aposentado pelo UNICEF em maio de 2.000, foi Oficial de Mobilização Social da instituição desde outubro de 1991, atuando em Brasília e São Paulo.



A DAMA DE COPAS

Crônica de Agop Kayayan (ex-diretor UNICEF)

Sempre que penso na Audrey Hepburn me ocorre a imagem da Dama de Copas. Quando era pequeno, na minha família, nas noites de 31 de dezembro, jogávamos um jogo de baralho chamado Sete e Meio ou a Dama de Copas. A tradição na família era que todos participavam com o mesmo valor fictício de fichas. Na lenda, quem restava com mais fichas à meia-noite, ficaria rico no ano entrante.

Quando conheci a Audrey Hepburn, me lembrei do título do jogo de baralho da minha infância. Ela foi condecorada pela rainha da Inglaterra como dama. Acredito que o título foi dado a ela mais pelo trabalho humanitário que por seu sucesso no cinema.

Conheci a Audrey Hepburn na Guatemala quando eu exercia a função de diretor do UNICEF para Centro-América. Foi uma das épocas mais tristes da história dessa Região. Três dos sete países estavam em situação de guerra civil fratricida e violenta: El Salvador, Guatemala e Nicarágua. Na história das guerras, com o avanço do tempo, houve sempre uma proporção cada vez maior de vítimas civis. Na Primeira Guerra Mundial, morreu uma proporção maior de civis que nas Guerras Napoleônicas. Da mesma maneira, na Segunda Guerra Mundial morreu uma proporção maior de civis que na Primeira Guerra Mundial. A maioria dos mortos civis foi de crianças e mulheres. O mesmo fenômeno estava acontecendo na América Central nas décadas de oitenta e noventa. Mulheres e crianças pobres foram vítimas inocentes.

O Escritório Central do UNICEF em Nova Iorque tinha um departamento que cuidava das relações com os embaixadores de boa vontade do UNICEF. Foram várias personalidades, especialmente do mundo das artes e cinema que exerceram a função. Eles eram cuidadosamente selecionados e convidados a exercer o papel de embaixador da boa vontade. Lembro-me de alguns como Sir Roger Moore, Vanessa Redgrave e Sebastião Salgado.

O diretor do departamento me ligou um dia propondo uma visita da Audrey Hepburn. Eu não a conhecia, mas aceitei, porque a visita de embaixadores atraía a atenção dos meios de comunicação. Assim podíamos aproveitar as entrevistas com TV e jornais para chamar a atenção do público e das autoridades sobre temas de importância para infância como saúde e educação.

Marcamos as datas da visita com uma programação que incluía visitas a projetos, entrevistas com meios de comunicação e com autoridades governamentais, assim como às organizações sociais com as quais tínhamos programas de cooperação.

Numa das primeiras comunicações de Nova Iorque, fui informado que a Audrey Hepburn teria de ter um secador profissional de cabelo. Fiquei surpreso por tal pedido, mas, como bom funcionário, pedimos aos hotéis onde ela estaria hospedada para dispor de um secador profissional de cabelo no apartamento. E me prometi de perguntar a ela, um dia, por que necessitava de um secador profissional de cabelo. De fato, numa das visitas subsequentes, quando ficamos

amigos, confessei a Audrey que tinha ficado surpreso por tal pedido. Sua resposta me emocionou. Ela me disse: “Agora, pessoalmente não me importa tanto, mas o que me resta de beleza é meu cabelo e o arrumo nas entrevistas por causa das crianças.”

Na minha carreira no UNICEF, raramente conheci uma pessoa tão humilde como Audrey. Ela sabia que era o centro de atenções e admiração e usava esse fato para chamar a atenção do público e das autoridades sobre os problemas enfrentados por crianças pobres. Tem uma famosa fotografia dela segurando uma criança morrendo de fome, o seu rosto mostra o tamanho da revolta de ver uma criança inocente morrendo de fome em pleno Século Vinte.

Entre outras atividades, tínhamos marcado uma reunião com o presidente de Honduras. Eu acompanhei Audrey na entrevista, mas o presidente era tão impressionado pela presença dela, que esqueceu que eu estava na sala. Ele contava a Audrey detalhes incríveis da sua roupa e das histórias dos filmes. Eram coisas tão mínimas que nem a Audrey se lembrava bem. Mas com muito tato a um momento ela disse “senhor presidente, muito obrigada por ter-nos recebido, estou muito agradecida por sua atenção, mas hoje venho conhecer sua excelência com dois chapéus: da ex-atriz Audrey Hepburn e da embaixadora da boa vontade de UNICEF”. Foi uma maneira muito elegante e diplomática de mudar o assunto da conversação e falar sobre as crianças.

Em 1991, fui transferido ao Brasil e sempre levava comigo uma fotografia da Audrey, onde ela não usava maquiagem. Ao colocar esta fotografia na minha parede, decidi enviar uma carta a Audrey dizendo como apreciava seu apoio e sua amizade. Agradei por tudo que tinha feito em várias visitas pelas crianças de Centro-América e sugeri que viesse também ao Brasil. Umas três semanas depois, recebi uma carta manuscrita me revelando que eram essas memórias de trabalho com as crianças que a mantinham viva. Não entendi bem esta última parte da mensagem. Passados uns dois meses, fui informado que Audrey tinha falecido. Seu companheiro me mandou uma fotografia dela quando criança e disse: “sei quanto vocês trabalharam pelas crianças e lhe mando essa fotografia dela na infância como lembrança da amizade de vocês”. Foi uma das vezes em que chorei no Escritório.



UM BRASILEIRO NA SÍRIA

Gustavo Barreto

Desde agosto de 2019, fui deslocado das minhas funções de funcionário da ONU no Brasil, no Centro de Informação das Nações Unidas (UNIC Rio), para a Síria, me unindo a colegas da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR). A pedido de meu amigo João Carlos Alexim, faço um breve relato sobre os desafios deste trabalho. Como se sabe, a Síria passa por um complexo período de conflitos, iniciados a partir de 2011, onde uma quantidade considerável de atores sociais – externos ou internos – disputam o país politicamente, muitas vezes com o uso da força militar. No meio, como sempre ocorre nessas ocasiões, milhões de civis pagam o mais alto preço. Após o aumento da violência entre 2012 e 2015, nos últimos quatro anos o país observa conflitos localizados em algumas regiões do país, com muitas regiões tendo sido retomadas pelo governo ou por forças que buscam deter o extremismo violento. De um modo geral, há um consenso na comunidade internacional de que o terrorismo do grupo conhecido como ISIL e seus associados foi amplamente derrotado, restando apenas células que buscam se reorganizar após a derrota militar. Nada é simples neste país. A coalizão de forças contra e a favor do governo muda eventualmente, após uma mudança de controle territorial; o acesso humanitário é restrito ou aberto dependendo de múltiplos fatores no terreno; as negociações em Genebra são paralisadas ou avançam de acordo com a complexa geopolítica regional e global; e o bloqueio econômico cumpre uma função dupla que precisa ser repensada à luz das suas consequências efetivas no terreno. Todos esses fatores tornam o trabalho humanitário extremamente complicado, e as sensibilidades políticas ameaçam o apoio a milhares e milhares de pessoas todos os dias. Trabalhar com essas sensibilidades e, ao mesmo tempo, mostrar o que o ACNUR está fazendo em prol dos sírios deslocados pelo conflito dentro do país e pelos refugiados é o meu desafio como Oficial de Informação Pública da organização. O trabalho humanitário implica atuar em um contexto difícil, logística e politicamente, para o bem daquelas pessoas que mais precisam. Ao mesmo tempo, trata-se de um emprego como qualquer outro: economistas, advogados, comunicadores, assistentes sociais, psicólogos, engenheiros, sociólogos e quaisquer outros profissionais mostram no dia a dia o que eles sabem fazer de melhor, e que poderiam fazer em qualquer país do mundo. O desafio também é pessoal: estar em um país onde não é permitido ao funcionário da ONU levar a família significa um alto custo para os trabalhadores e trabalhadoras humanitários(as), muito maior do que qualquer recompensa profissional ou financeira. Não há um único dia em que a saudade não se torne um tema central para cada um dos trabalhadores humanitários da ONU. Em meio a tantos desafios, a satisfação em trabalhar por um mundo com mais dignidade, respeito e direitos humanos é algo que se leva para toda a vida. No entanto, durante a minha estadia na Síria, algo ficou muito claro para mim:

todas as pessoas, em qualquer lugar do mundo, podem ajudar aqueles que mais precisam. Enquanto a Síria passa por um processo especial, relacionado aos desafios específicos da região, também o Brasil possui desafios igualmente importantes que não são mais fáceis de serem abordados. Alguns são apenas diferentes e, em outros casos, muito semelhantes. (*) Gustavo Barreto é jornalista e funcionário da ONU desde 2010. Antes da presente missão, prestou serviço no UNIC-Rio.



Desespero da PROFESSORA

A professora pergunta a um aluno:

- Wandercleison, diga aí um verbo.

- Bicicreta.

- Não é bicicleta... É bicicleta! E bicicleta não é verbo.

Depois, pergunta ao segundo aluno:

- Helvispresli, diga aí um verbo.

- Prástico.

- Não é prástico... É plástico! E plástico não é verbo.

A professora, desesperada, pergunta ao terceiro aluno.

- Janedílson, diga aí um verbo.

- Hospedar.

- Muito bem! Hospedar realmente é um verbo!

Agora diga-me uma frase com o verbo que escolheu.

- Hospedar da bicicleta são de prástico!...

Alguém duvida que estamos caminhando para isso?

PARA QUANDO A GENTE PUDER DE NOVO VIAJAR...

Maria Helena Henriques Mueller

Morei durante a maior parte da minha vida em climas frios e sempre tive alta intolerância ao calor. Por esta razão, geralmente passo janeiro e fevereiro longe do verão do Rio de Janeiro. Gostaria de compartilhar com vocês alguns destinos desta última viagem que podem servir como incentivo a conhecer lugares novos. Passei o mês de janeiro em Portland, Oregon, cidade do oeste norte-americano que vem aparecendo bastante como destino turístico recomendado. O que faz Portland merecer tanta atenção? Basicamente duas razões: turismo cultural e de Natureza. Este último com ofertas de muitas trilhas, cachoeiras, praias e até mesmo o Santa Helena, vulcão ativo famoso por sua destruidora erupção em maio de 1980. Como estive por lá em um dos meses mais chuvosos do ano, não aproveitei o turismo de natureza, mas me esbaldei no turismo cultural. Visitei seus vários museus, fui a muitos concertos em igrejas (música dos povos originários, guitarra espanhola e Tuva – música siberiana), conheci duas joias – jardim chinês e jardim japonês – e assisti até um espetáculo da Broadway que apareceu por lá. Ainda do lado cultural, provei seus vários vinhos, que não me impressionaram muito, cervejas artesanais – fantásticas - e me meti em um “hot tub” exterior quando a temperatura estava a 6°C. A cidade de Portland desfruta da fama de ser acolhedora e democrática. De fato, nos seus subúrbios e restaurantes, há cartazes com dizeres antirracistas e a sua população é uma mistura de povos originários, chineses, latinos, árabes, indianos e descendentes de europeus. Vale a pena conferir!

Minha segunda parada foi na região de North Virginia, Maryland e Washington D.C. Tendo morado em Bethesda por vários anos, conheço bem a região e me dediquei a visitar amigos(as), ir a concertos - diários e grátis - no Kennedy Center e conhecer o novo Museu de História e Cultura Afro-Americana situado no Mall, paraíso dos museus em D.C. A visita a este museu é bem impactante e deixa muitas impressões contraditórias. São sete níveis, sendo três de história, o hall central com teatro, fonte, restaurante e loja e três níveis com a contribuição da cultura africana à norte-americana principalmente no que tange às artes, gastronomia, música e esportes. Há também um espaço interativo para crianças. A terrível injustiça que caracterizou as relações com os africanos desde que chegaram e que conformou as atitudes racistas até os nossos dias é descrita sem pelos na língua. A gente sai da visita com outra compreensão e mobilização contra o racismo onde quer que se esteja. Visita imperdível!

Minha última parada foi no coração da região de New England - Rhode Island e Maine. Tenho familiares nestes estados e é sempre um prazer visitar as cidades, praias e marinas de Rhode Island assim como provar os seus mariscos – em caldos ou levemente refogados. Maine, por outro lado, é um dos meus destinos preferidos. Apesar de ser um dos menores estados norte-americanos, possui uma boa oferta cultural em galerias e museus (também

para crianças), atitudes positivas para um consumo frugal e de frutas e verduras orgânicas e a melhor lagosta do continente. Quem resiste? Mas, no momento, FIQUE EM CASA!



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que contribuíram com a edição desse boletim extra, como a nossa presidente, todos os membros do comitê do concurso e os associados da AAFIB.

EXPEDIENTE

Angélica Gomes / Presidente / magomes.aafib@gmail.com;

Telva Barros / Vice-presidente / telvabarros@hotmail.com;

Jacques Schwarzstein / Secretário / jacquesaafib@gmail.com;

Luiz Mauro Donato / Tesoureiro / lm.donato@hotmail.com;

Arabela Rota / Diretora do Núcleo do Rio de Janeiro / arabelarota@uol.com.br;

Bernardeth Martins / Diretora do Núcleo de Brasília / deth.fatima@gmail.com;

Udo Bock / Diretor do Núcleo de São Paulo / udobock@uol.com.br;

Sumaya Garcia / Gerente Digital / garcia.sumaya@gmail.com.

Presidentes eméritos

Giovanni Quaglia / presidente.aafib@gmail.com;

João Carlos Alexim / jc.alexim@gmail.com; editor do Boletim.

SEDE DA AAFIB

Av. Marechal Floriano, 196 - Palácio Itamaraty: UNIC-Rio, Centro, Rio de Janeiro, R.J.,
CEP: 20080-002.

SITE DA AAFIB - (aafib.net)